

# Geografia e pensamento contraintuitivo

por João Ferrão



6 de março

Revelar: o Mundo que não se vê

13 de março

Decifrar: a Europa em transfiguração

20 de março

Imaginar: Portugal, território de esperança

27 de março

Propor: Quem ordena o território?

A Europa é um continente: assim aprendemos na escola. Na verdade, a Europa como continente é uma invenção do século XIX. A Europa inventa-se então como continente autónomo, estabelecendo uma partição do mundo em continentes e atribuindo a si própria esse estatuto. Mas a história da Europa como comunidade imaginada e ordem singular precede a ideia de continente. E, tudo o indica, a Europa do futuro poderá ficar aquém ou transbordar o atual continente europeu, mas dificilmente coincidirá com ele. Nesta conferência apresentam-se brevemente as sucessivas metamorfoses da Europa como comunidade imaginada e destaca-se o modo como a cartografia contribuiu para a socializar: a Europa 0.0, território periférico e habitado por bárbaros, consagrada no mapa de

Eratóstenes (200 a.C.); a Europa 1.0, território de cristãos e dos valores herdados da Grécia clássica e do Império romano, coincidente com os mapas do reino de Carlos Magno (séculos VIII-IX); a Europa 2.0, território de modernidade e progresso, com tradução no mapa-mundo dos continentes (século XIX); e a Europa 3.0, território de paz, prosperidade, democracia e valores universais, em alargamento sucessivo até ao atual mapa da União Europeia a 27 e incluindo ainda a Suíça e os países do espaço económico europeu (Noruega, Islândia, Liechtenstein). Assim se foi configurando uma Europa-continente e, ao mesmo tempo, um mundo eurocêntrico. Mas a Europa 4.0 será seguramente distinta. Saberá a Europa reinventar-se uma vez mais, talvez como Europa marítima ou como Europa Euro-Mediterrânica, alargando-se como comunidade imaginada construída em torno, não de um projeto singular e normativo como no passado, mas da ideia de Europa múltipla? Ou será a Europa 4.0 um projeto por defeito, apertado entre a 'Europa integral' dos nacionalismos e regionalismos e um sistema mundial multipolar não eurocêntrico ou mesmo pós-ocidental? Em qualquer dos casos, a referência à Europa como continente tornar-se-á estrategicamente irrelevante. Qual será a geografia do mapa-mundo que substituirá a dos continentes?

Vivemos um período de transição profunda, marcado por um passado que já não é possível prolongar e por futuros anunciados que não se irão cumprir. A visão unilinear de modernização, progresso e desenvolvimento encontra-se, hoje, profundamente abalada. Pelo contrário, instabilidade e complexidade, imprevisibilidade e contingência, são elementos centrais das sociedades contemporâneas.

Este novo contexto obriga a questionar velhas certezas, a contestar análises, a duvidar de soluções dadas como adquiri-

das. O pensamento contraintuitivo ganha, assim, um renovado papel. Talvez haja, afinal, mundos que não vemos, alterações que nos escapam. Talvez haja, também, espaços de esperança por identificar e soluções inteligentes por desenvolver. A Geografia tem um contributo a dar para tornar o atual período de transição mais escrutinável e inteligível, mais promissor e melhor gerido. Revelar mundos invisíveis, decifrar dinâmicas territoriais em curso, imaginar espaços desejados e propor soluções adequadas a um globo crescentemente interdependente não são tarefas fáceis. Mas a imaginação e a inteligência geográficas permitem-nos olhar de uma forma inovadora e articulada para o Mundo, a Europa e Portugal. Centrando sucessivamente a atenção em cada um destes espaços, mas adotando sempre uma visão multiescalar, o ciclo *Geografia e pensamento contraintuitivo* procurará ilustrar a importância de olhares geográficos transformadores no atual contexto de crise e transição.

**João Ferrão** é doutor em Geografia e investigador principal do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Especialista em Geografia Humana, ordenamento do território e desenvolvimento regional e urbano. Coordenou diversos estudos de avaliação de políticas públicas, para o Governo português e a Comissão Europeia. Foi Secretário de Estado do Ordenamento do Território e das Cidades (2005-09).